



A SAGA DO IMIGRANTE NOS CONTOS “A AMIZADE É UM CAMPO SEM FIM”, DE MOACYR SCLiar, E “BRASÍLIA”, DE MÁRIO DE ANDRADE

Beatriz de Costa Pereira¹
Bruna Schiavini Hoepers²
Fernanda Müller³

Resumo: Este trabalho investiga o papel do estrangeiro em contos da Literatura Brasileira Contemporânea. Para tanto, fizemos pesquisa bibliográfica, fichando e problematizando obras que abordam conceitos como os de não nacional e de imigrante. Com a ajuda desses estudos, propomos esse diálogo entre os contos “A amizade é um campo sem fim”, de Moacyr Scliar, e “Brasília”, de Mário de Andrade, ambos publicados no livro **Histórias de imigrantes** (Scipione, 2007).

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea; Moacyr Scliar; Mário de Andrade.

Abstract: This work investigates the role of the foreigner in short stories of Contemporary Brazilian Literature. First, we did a bibliographical research, writing and problematizing works that deal

¹ Aluna do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC. Bolsista do CNPq, PIBIC-EM. Contato: beatriz_dcp@hotmail.com

² Aluna do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC. Bolsista do CNPq, PIBIC-EM. Contato: bruna_hoepers@hotmail.com

³ Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Pesquisadora e orientadora do PIBIC-EM. Contato: f.nmuller@ufsc.br

with concepts such as non-national and immigrant concepts. With the help of these studies, we propose this dialogue between Moacyr Scliar's short stories, especially " A amizade é um campo sem fim", and Mário de Andrade's "Brasília", both published in the book **Histórias de imigrantes** (Scipione, 2007).

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Moacyr Scliar; Mário de Andrade.

Introdução

A importância de estudar a imigração vai muito além de entendermos nosso passado, ela também é essencial para descobrirmos o nosso presente e compreendermos certos conceitos, ações e pensamentos que influenciaram ou estão presentes na sociedade atual. E assim, ao estudarmos o imigrante, estudamos a nós mesmos, pois somos uma mistura de tudo isso. Além disso, quando optamos pela literatura, caminhamos em direção a uma leitura subjetiva de indivíduos, sentimentos e categorias, que fogem a uma análise meramente estrutural. Assim, neste trabalho pretendemos entrar no universo do imigrante por meio dos contos "Brasília", de Mário de Andrade e "Amizade é um campo sem fim", de Moacyr Scliar.

1. Primeiras inquietações

Ao tentar traçar um paralelo entre os dois contos, surge um questionamento inicial: mas, afinal, o que é o conto? Um conto é uma pequena narrativa que se diferencia do romance não só pela dimensão, mas também pelas características próprias do gênero, de acordo com Angélica Soares (1989, p.54-55). Ao contrário do romance, o conto traz a narrativa de forma simples, representativa e harmoniosa, deixando o tempo e o espaço aparentes, sem diversas "análises minuciosas e complicações no enredo", necessárias na

construção de um romance. Como afirmou Júlio Cortázar (2006), o conto é “uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada”, pois tem um limite, primeiramente, físico⁴, que acarreta na importância atribuída às primeiras frases. Mesmo que no início da leitura aparentem ser equivalentes às demais, se ao fim do conto uma análise for feita, muito provavelmente as linhas iniciais servirão como uma espécie de “chave-de-leitura” para auxiliar a interpretação da obra, tanto que para Cortázar, “um conto é ruim quando escrito sem essa tensão que se deve manifestar desde as primeiras palavras”.

2. “A amizade é um campo sem fim”, de Scliar

O primeiro conto é analisado é “A amizade é um campo sem fim”, uma narrativa que toma como protagonista um imigrante judeu de origem russa, Samuel, que junto com sua família saiu de um país “pobre e atrasado” rumo ao desconhecido Brasil. Aqui arranhou um amigo, Júlio, e vivencia toda uma história de preconceito por conta de sua ascendência, como identificamos no trecho: “Os habitantes da região procuravam ajudar os ‘russos’ (...). Mas havia alguns que os achavam meio estranhos e outros que os olhavam com suspeita e até com raiva.” (SCLIAR, 2007, p.41).

Um desses seres “meio estranhos” era Xiru, amigo de Júlio, que realmente não gostava de Samuel, mas devido à aproximação do colega com o “russo”, acabava tendo que conviver com ele, e para se aproveitar disso adorava ver (e colocar) Samuel em situações complicadas. “Xiru tratava Samuel muito mal. Debochava do sotaque do garoto, fazia brincadeiras sem graça: uma vez ofereceu-lhe chimarrão, só que tinha colocado pimenta na erva mate e morreu de rir quando o menino se engasgou.” (SCLIAR, 2007, p.42).

⁴ Na França, por exemplo, um conto que tem mais de vinte páginas torna-se uma *nouvelle*. Cf.: SOARES, Angélica. *Gêneros literários*: São Paulo: Editora Ática, 1989. Cf. também: PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. Caderno Mais, *Folha de São Paulo*, 30 dez. 2001, p. 24.

Depois de muita insistência por parte de Júlio, Xiru resolveu ensinar Samuel a andar a cavalo, porém escolheu o cavalo mais indomável, aquele que decididamente não era para principiantes. Após montar, Xiru fez com que o cavalo começasse a galopar, mas “Samuel, apavorado, agarrado às crinas, gritava como um louco. Xiru ria, mas os outros não sabiam o que fazer” (SCLIAR, 2007, p.42). Ao chegar e compreender a situação, Júlio toma as rédeas de um cavalo, alcança o rio no qual Foguete, o cavalo corredor, havia jogado Samuel, pula no rio e salva o menino judeu. Samuel sobrevive ao episódio, mas carregaria consigo a marca do acidente: o corpo mutilado pela queda, o espírito humilhado pelo preconceito e covardia. Tempos depois, o menino russo deixa a região em companhia de sua família imigrante.

Os judeus eram “o alvo preferido” já na Rússia, por conta de seus costumes muito fechados, casamentos entre membros da religião e da relação com a riqueza e o poder milenarmente associada a eles.⁵ Suas pequenas aldeias eram invadidas por “grupos armados que maltratavam os homens, violentavam as mulheres e incendiavam as casas” (SCLIAR, 2007, p.43), como justifica o narrador do conto. Em *A majestade do Xingu*, romance do autor que explora a mesma temática, Scliar descreve a situação dos judeus da seguinte forma: “Vivíamos numa casinha de madeira, sem conforto algum, sem nenhum tipo de aquecimento, no inverno a gente morria de frio. Comida escassa; às vezes até fome a gente passava” (SCLIAR, 1997, p.15).

⁵ Cf. Os fatos sobre Israel e o conflito no Oriente Médio. Disponível em <<http://www.beth-shalom.com.br/artigos/fsicom03.html>>. Acesso em 31 de agosto de 2012; Por que os judeus são odiados?. Disponível em: <<http://www.thegreatcommandment.com/2009/11/por-que-os-judeus-sao-odiados.html>>. Acesso em: 1 set. 2012; Judeus: Fugindo da miséria e querendo viver em paz. Disponível em: <<http://riogrande.com.br/historia/colonizacao7.htm>>. Acesso em 24 de junho de 2012.

Os imigrantes judeus tiveram a oportunidade de mudar-se para o sul do Brasil ou para a Argentina, nas colônias agrárias compradas por iniciativa do Barão Maurício de Hirsch. Ao mudar-se recebiam de 25 a 30 hectares de terra com residência, mantimentos agrícolas, dois bois e duas vacas, carroça, cavalo e sementes por cinco contos de réis que deveriam ser pagos ao longo de 10 ou 15 anos (JUDEUS: fugindo da miséria, 2012). Embora a história de Scliar se passe nos pampas gaúchos, marcados pela chegada de inúmeros colonos europeus, especialmente italianos, alemães e judeus, seu desenlace se daria na capital, Porto Alegre, destino de tantos outros em busca de instrução e trabalho.

Após a maturidade, o reencontro teria como cenário um hospital: Júlio depara-se com um médico que possui a mesma cicatriz daquele menino que salvara no acidente de cavalo no passado. A inversão de papéis é ressaltada de um modo romântico: o menino que um dia salvou o judeu se vê, décadas depois, tendo o neto salvo pelo amigo que se formou em medicina e é o mais apto a operar a criança. Quem depende de quem: o imigrante ou a sociedade receptora?

3. “Brasília”, de Mário de Andrade

No conto “Brasília”, de Mário de Andrade, a situação dos imigrantes é contrária. Trata-se de uma história narrada por um francês, primeiro secretário da Embaixada francesa, que vem para o país em busca de novas experiências, culturas e pessoas. Todavia, ao desembarcar aqui, vê seu povo ser idolatrado. Na capital brasileira da época, a identificação com os franceses era tanta a ponto do narrador afirmar que a população ilustrada das cidades conhecia mais do francês que do próprio português.

As pessoas achavam que o francês era um nobre, europeu estudado e endinheirado, mas o protagonista não fica feliz com tanta bajulação, como demonstra em vários trechos: “Se nos primeiros dias

essa desigualdade meu deu prazer [...] fez-me enjoar logo dessa mascarada. Irritava-me, sobretudo nessa gente o esforço para imitar as civilizações da Europa” (ANDRADE, 2007, p.102). O que o francês mais desejava era o contrário: queria encontrar aqui a essência do que esperava ser a “brasilidade” de fato, um gosto pelo exótico que ele descrevia como: “Um fraco pelos índios, por solenes mulatas gordas e suadas num calor de fornalha” (ANDRADE, 2007, p.102).

Sua busca não se limita apenas ao estado do Rio de Janeiro, ele também tentaria encontrar essa imagem de Brasil que ele mesmo criou, buscando sua materialização em um corpo de mulher, em outra região do país importante à época: a São Paulo em processo de modernização, mas ainda tomada pelos grandes latifúndios produtores de café. Contudo, mesmo ali, no interior mais afastado, deparava-se com a mesma cena: até o “patriarca magro lento queimado do sol” falava o bendito francês! Ele volta ao Rio e sua ânsia por achar a “brasilidade” só aumenta. Depois de muita busca, conhece Iolanda, com quem viverá uma intensa história de amor. A grande ironia que marca o conto é que a amante, tomada como a mais legítima forma de brasilidade pelo narrador, a única capaz de romper com o marasmo francês carioca, é, ela própria, natural da cidade francesa de Marselha. Nova falsificação ou prova incontestada da inexistência da pureza em se tratando de nacionalismos?

4. Identidade e diferença

Diferentemente da humilde família judia retratada por Scliar, proveniente de uma Rússia empobrecida e, portanto, indesejada em um período em que as teorias de seleção e melhoramento “da raça” prosperavam; a personagem principal do conto de Mário de Andrade atende a um anseio eurocêntrico por superioridade. O funcionário da embaixada está menos para um imigrante e mais para a condição de um estrangeiro, já que pouco precisa se adaptar à cultura e aos

hábitos locais, são estes que buscam apropriar-se da bagagem do francês (MÜLLER, 2011, p.44). Mente de colonizados, os brasileiros retratados no conto falam a língua dele em todas as rodas sociais, além de convidá-lo para frequentar as festas e os eventos de então. Não é um forasteiro que enfrentava preconceitos ou deparava-se com obstáculos de qualquer ordem, como a maioria dos recém-chegados, os estereótipos não recaem sobre o estrangeiro nem sobre a sociedade exótica que queria explorar.

Podemos traçar um paralelo entre os dois textos, pois ambos se passam no início do século XX, num Brasil que estava tentando criar a própria identidade, um ideal de identidade unívoca e, por conseguinte, impossível de ser atingido valorizando o colonizador branco europeu e o índio bravo e romântico (MACHADO DE ASSIS, 1959). Na época colonial fomos influenciados pelos portugueses, mais tarde dos pelos ingleses e por aí vai até chegar nos dias de hoje, quando os norte-americanos se destacam. Em certos momentos da história isso foi tão forte que as imposições econômicas e culturais vindas de fora (dívidas, taxas, produtos, língua, costumes, vestuário, etc.) chegava a quase determinar a brasileira em escolhas cotidianas individuais, como um modelo de roupa; e em decisões que afetavam o coletivo, como a exportação de matéria-prima ou a troca de persianas de madeira por janelas de vidro, como ocorreu com a influência francesa nos séculos XIX e XX.

As bases em que se dera a nossa colonização, a dominação econômica e a miscigenação cultural determinaram a forma como o que era nacional ao longo dos séculos era, no mais das vezes, artigo importado pouco afeito a estes solo e clima (CAMMAROTA, 2007). A crise de identidade atingiria seu ápice com a independência do Brasil, momento em que ainda não se aceitava que este país, como praticamente todos os demais em maior ou menor grau, é uma mistura e que o “brasileiro” de fato não existe. Sempre tivemos e carregamos conosco um sincretismo próprio, influência de culturas

que se misturaram às já existentes entre indígenas ou trazidas pelos portugueses. Ainda que a contragosto daqueles que desejavam exercer primazia sobre os indivíduos não nacionais que, em tese, “ameaçariam” os empregos ou “contaminariam” os costumes locais, sob a ficção de que são os únicos, tradicionais e legítimos, é necessário reforçar que migraram para cá não só europeus brancos empobrecidos, mas, especialmente, africanos, árabes e orientais, negros, pardos, amarelos (LESSER, 2001).

Considerações finais

Como temas centrais dos dois contos analisados temos a imigração e a própria alteridade, ou seja, ambos remetem a maneiras como vemos o outro e como gostaríamos de ser vistos por ele. Criticam, pois, o modo como a sociedade brasileira foi e ainda é formada, negando os traços dos que não lhe são desejáveis. A imigração, em linhas gerais, é a chegada de pessoas provenientes de outros países com a intenção de conseguir um emprego. Devemos deixar claro, todavia, que, ao contrário do que muitas pessoas pensam, a imigração não é sempre voluntária, em geral decorrente de problemas econômicos, como a falta de trabalho no país natal e a busca por melhores condições de vida (SAYAD, 1998; SAID, 2003).

Moacyr Scliar, apesar de gaúcho, era filho de imigrantes judeus, formado em medicina, e os temas mais comuns em suas obras são o judaísmo, a imigração, a medicina e a realidade da classe média urbana no Brasil, que aparecem de modo “entrelaçado”. Já Mário de Andrade é paulista e presenciou o período em que ocorreu o ápice do aporte de imigrantes no Brasil: nasceu no ano de 1893 e também dedicou-se a compreender e aprofundar seus estudos sobre tal tema, desde a formação nos cursos de Ciências e Letras no ano de

1909⁶. Ora, se os contos discutidos podem apresentar elementos autobiográficos, tendo em vista o engajamento de seus autores, ambos descendentes de imigrantes, ultrapassam qualquer tentativa de “cópia do real”, polemizando e até ironizando os jogos de interesses que existem por trás da imigração.

Apropriada também pela sétima arte, especialmente na última década, o espaço fragmentado dos não nacionais surge em filmes igualmente multifacetados e desconcertantes, como *Babel*, de Alejandro González Iñárritu, e *Crash*, de Paul Haggis. Tratam-se de obras em que a nacionalidade está fortemente atrelada à aceitação do outro, à legalidade/ilegalidade, aos estereótipos e às expectativas frustradas. Nesse sentido, os contos de Moacyr Scliar e Mário de Andrade, em que o menino brasileiro desafia os demais para salvar o pequeno russo, apesar de sua aparente ingenuidade; e o do funcionário francês que encontra um pedaço da França no Rio de Janeiro da época, nos remetem a um tema que podemos observar ainda hoje. Apesar de leis internacionais instituídas e teorias biológicas raciais superadas, certos preconceitos não foram superados de todo. Ainda distinguimos não nacionais conforme sua nacionalidade: a procedência do passaporte continua se fazendo valer. Tapete vermelho para uns, sala para averiguação e passagem de volta para outros.

Por fim, mais do que retratar experiências pessoais, nos contos “Brasília” e “Amizade é um campo sem fim”, Mário de Andrade e Moacyr Scliar conseguiram, de várias formas, representar

⁶ Cf. SCLIAR, Moacyr. Médico, Scliar publicou primeiro livro em 1971. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/873009-medico-scliar-publicou-primeiro-livro-em-1971-saiba-mais.shtml>>. Acesso em 23 de março de 2012; ANDRADE, Mário. Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=488&sid=298>>. Acesso em 23 de março de 2012; ANDRADE, Mário. Disponível em <http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp>. Acesso em 1 ago 2012.

o universo paralelo que é a imigração. Fazem uma crítica ao modo de pensar das pessoas da época, ao mesmo tempo em que rompem com padrões e estereótipos vigentes, destruindo as expectativas do leitor. Evidenciam, finalmente, que as pessoas até podem partilhar de uma mesma nacionalidade, posto que nascer em determinado lugar é um fato, mas não são iguais ou se deixam aprisionar em rótulos, sejam elas russas, francesas ou brasileiras.

Referências

ANDRADE, Mário. “Brasília”. In: OLIVEIRA, Nelson. **Histórias de imigrantes**. São Paulo: Scipione, 2007. P. 99-119.

ANDRADE, Mário. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=488&sid=298>>. Acesso em 23 de março de 2012.

ANDRADE, Mário. **Mário de Andrade**. Disponível em <http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp>. Acesso em 1 ago 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CAMMAROTA, Luciana. **Imigrantes nas cidades no Brasil no século XX**. São Paulo: Atual, 2007.

CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto.” In: _____. **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Judeus: Fugindo da miséria e querendo viver em paz. Disponível em: <<http://riogrande.com.br/historia/colonizacao7.htm>>. Acesso em 24 de junho de 2012.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: UNESP, 2001.

MACHADO DE ASSIS. “Instinto de nacionalidade”. **Machado de Assis**: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959.

MÜLLER, Fernanda. **A literatura em exílio uma leitura de Lavoura arcaica, Relato de um certo oriente e Dois irmãos**. 2011. 227p. Tese em Literatura, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão- Universidade Federal de Santa Catarina.

SCLIAR, Moacyr. “A amizade é um campo sem fim”. Disponível em: OLIVEIRA, Nelson (Org.). **Histórias de imigrantes**. São Paulo: Scipione, 2007.

_____. **A majestade do Xingu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. **Médico, Scliar publicou primeiro livro em 1971**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/873009-medico-scliar-publicou-primeiro-livro-em-1971-saiba-mais.shtml>>. Acesso em 23 de março de 2012.

SCLIAR, Moacyr. **Biografia de Moacyr Scliar**. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/moacyr-scliar.jhtm>>. Acesso em 23 de março de 2012.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. Caderno Mais, **Folha de São Paulo**, 30 dez. 2001, p. 24.

Os fatos sobre Israel e o conflito no Oriente Médio. Disponível em <<http://www.beth-shalom.com.br/artigos/fsicom03.html>>. Acesso em 31 de agosto de 2012.

Por que os judeus são odiados? Disponível em: <<http://www.thegreatcommandment.com/2009/11/por-que-os-judeus-sao-odiados.html>>. Acesso em: 1 set. 2012.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**: São Paulo: Editora Ática, 1989.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.